

As “Mulheres alteradas” e a “Literatura Mulherzinha” — a construção de feminilidades a partir de “diferentes” leituras de tirinhas cômicas de Maitena

Michele Abreu Vivas
(SME-RJ/ FAP/ Fac. Omni)

Introdução

Este trabalho, resultado de minha dissertação de Mestrado (VIVAS, 2006), pretende mostrar a construção de feminilidades que surgem a partir de diferentes leituras de tirinhas cômicas da série “Mulheres alteradas”, de Maitena.

Com base na teoria do discurso de opinião (SCHIFFRIN, 1990; SHI-XU, 2000) e da leitura como prática social (KRESS, 1989), procuro articular como alguns sujeitos lêem esse gênero através das tiras de Maitena. A análise é construída em uma relação dialógica entre as teorias de gênero/ sexo — desde a perspectiva das teorias essencialistas (LAKOFF, 1975; CAMERON, 1995; TANNEN, 1994, 1996) às construcionistas (MCLLVENNY, 2002) — e a Lingüística Feminista (CAMERON, 1999).

Busco sinalizar, em uma análise qualitativa e interpretativa (GUMPERZ, 1982), o papel do leitor, sua interação com os quadrinhos e as diversas feminilidades apontadas com as leituras das tiras de Maitena. Pretendo confrontar diferentes leituras e diferentes relatos de opinião manifestados por homens e mulheres, junto à minha leitura enquanto pesquisadora.

1. Do movimento feminista às teorias de gênero e sexo

Em fins do século XIX, o feminismo despontou na Inglaterra como movimento de emancipação, reivindicando igualdade jurídica, como direito ao voto (movimento sufragista). A segunda onda desse movimento inscreveu-se entre 1960-1970, no contexto de intensos debates e questionamentos desencadeados pelos movimentos de contestação europeus. Esse, de forma organizada, surgiu nos EUA, na segunda metade dos anos 60. Logo, expandiu-se pelos países do Ocidente, defendendo a emancipação e a libertação da mulher. O modelo tradicional do “ser mulher” entrou em crise, e despontou um novo perfil feminino.

A Linguística Feminista coloca a linguagem numa “agenda política”, e a análise do discurso feminino será a maneira pela qual feministas e críticas da linguagem marcarão, mais do que sua investigação acadêmica, sua militância sociopolítica.

As teorias sobre gênero/ sexo relacionam-se aos estudos culturais e feministas. As teorias essencialistas surgiram no fim dos anos 70 e foram classificadas como: 1) teoria do déficit (LAKOFF, 1975) — define a linguagem da mulher como deficitária em relação à do homem; 2) teoria da dominação (CAMERON, 1995) — critica as outras teorias, propondo a reflexão sobre o papel do discurso feminino frente ao masculino hegemônico; e 3) teoria das duas culturas (TANNEN, 1994) — ressalta que das diferenças sociais resultam culturas comunicativas diferentes.

A partir dos anos 90, novos debates surgem objetivando rever essas teorias e propõem uma postura não essencialista ao classificar gênero. Na teoria performática/ construcionista, por exemplo, os atos/ *performance* dos gêneros/ sexos são expressos em comportamentos lingüísticos, práticas e/ou ações em contextos

sociais particulares (MCLLVENNY, 2002).

2. Proposta teórica e metodológica

Para este estudo, adotamos a concepção da leitura como prática social de Kress (1989), que se preocupa com o que o leitor aporta ao interagir com o texto.

Na interação, o papel das emissões de opinião é fundamental. Schiffrin (1990, p. 244) define opinião como uma posição interna e avaliativa de um indivíduo sobre uma circunstância. Shi-xu (2000, p. 263-264) revela que “opinião” seria uma crença mental e subjetiva em oposição a um fato objetivo. Logo, determina-a como um mecanismo cognitivo (“atitude” ou “crença avaliativa”) que influencia o comportamento.

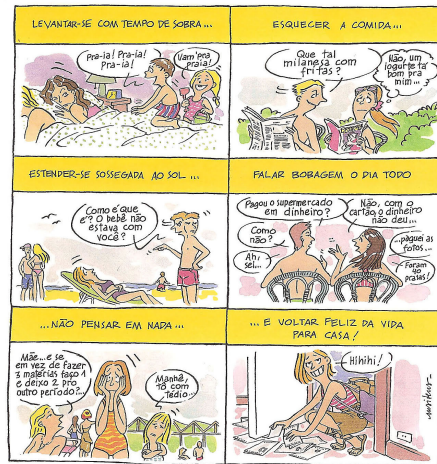
Com base em textos veiculados na mídia em geral que expõem os conflitos pelos quais passam as mulheres — de classe média, de 25 aos 40 anos, financeiramente independentes, mas emocionalmente dependentes de uma figura masculina estável — é que comecei a pesquisar sobre esse “novo gênero literário”: Literatura Mulherzinha (*Chick Lit*, cf. CRISPIN, 2004, p. 48).

O gênero, Literatura Mulherzinha (*Chick Lit*), de “tom” autobiográfico e envolvente, teve seu primeiro registro no século XIX com o livro *Little women* ([1868] 1994) da norte-americana Louise May Alcott. A escolha dessa obra se justifica por ser uma história que representa os conflitos das mulheres contemporâneas que retratam seus vícios, angústias, dilemas, preocupações... resgatando cenas do cotidiano do universo feminino. Para a entrevista, solicitei a alguns homens e mulheres que lessem e comentassem duas tiras de Maitena do primeiro volume¹.

3. A construção de feminilidades nas “leituras” da tirinha “O melhor das férias

é descansar”

O melhor das férias é descansar



MAITENA 11

O título contém a pista para a construção da opinião da autora sobre a impossibilidade do descanso das mulheres, representadas pela feminilidade: donas-de-casa. Cada subtítulo confirma o título. Entretanto, as falas dos quadros desconstruem a possibilidade das férias na dialogia entre os códigos visual e verbal.

É por meio dos desenhos, que constatamos a ironia de Maitena, em que “estar de férias” não é nada agradável às feminilidades: donas-de-casa, cujos desejos se vêem impossibilitados.

Nas cenas, a linguagem da mulher parece ser deficitária em relação à do homem, pois seu discurso se apresenta enfraquecido em sua relação com o os companheiros retratados (LAKOFF, 1975; TANNEN, KENDALL, 2001). A representação das identidades masculinas revela o homem assertivo, autoritário, provedor e controlador.

Em algumas falas masculinas analisadas, há uma tentativa de assumir, com as mulheres, uma atitude cooperativa, como se verifica em Luiz Carlos, linhas 5 a

16:

Segmento 1 — Luiz Carlos

5 o que eu entendi
6 eh pelas ilustrações na seqüência,
7 é que no dia-a-dia da mulher
8 né↓ é uma atividade be:m cansativa né↓
9 e pelo que foi colocado ali
10 tudo sai-- fica em cima da mulher↓ né↑
11 é pelo: pelas cobranças pelas (2)
12 eh...
13 falta né de...
14 de união de repente com o com o marido falta de entendimento... uma
15 uma... bipolaridade de
16 de jeito de ver as coisas.

Luiz Carlos focaliza as ilustrações da tira e faz afirmações em que surgem a sua opinião, em concordância com Maitena: “↓ é uma atividade be:m cansativa né↓ [...] tudo sai-- fica em cima da mulher↓ né↑” (l. 8 e 10). Ele atribui os problemas surgidos entre o casal à falta de comunicação: “falta né de... de união de repente com o com o marido falta de entendimento” (l. 13 e 14).

Com Jorge Renato, também temos uma leitura em concordância com Maitena.

Segmento 2 — Jorge Renato

3 o que eu achei foi o seguinte que:..
4 a pessoa tira férias não é pra descansar↑
5 e: pelo que eu vi da:
6 pessoa uma mulher ela tirou férias pra descansar e foi *muito* cobrada..
7
8 ela tirou férias no trabalho mas em casa trabalhou muito,
9 e foi cobrada de tudo...
10 chega no final ela...
11 quando viu tinha *contas* pra pagar ou seja, ela tinha que pagar e não pagou ficou tudo atrasado
12 na casa dela↑
13 as contas ficaram todas atrasadas↑ e ela não pagou e ela foi penalizada por isso.
14 ela mesma se culpou. então cadê as férias dela?...

Jorge Renato focaliza, logo de início, a sua inferência com base na oposição que Maitena estabelece entre o título e as cenas (l. 4 a 6). A partir dessa inferência principal, ele ressalta o fato de a mulher ter trabalhado muito e ter sido “cobrada” (l. 8 e 9) e refere-se à cena final do atraso de pagamento de contas e da própria culpa da mulher nisso (l. 10 a 14).

Observa-se que, embora as interpretações de Luiz Carlos e Jorge Renato sejam possíveis com base nas cenas de Maitena, Luiz Carlos dá ênfase a desentendimentos do casal e Jorge Renato atribui toda culpa à mulher.

As entrevistadas fazem um relato partindo de uma leitura descritiva da tira, parafraseando os problemas sinalizados pela autora, como podemos verificar em Gabriele e Samantha:

Segmento 3 — Gabriele

5 a página 11 ela:
6 mostra a figura de *várias* mulheres né↓
7 em diferentes estilos, em diferentes
8 momentos de lazer.
9 e isso torna-se bem cla:ro porque,
10 mesmo com toda e:ssa preocupação né↑
11 de ca:sa de vida profissional: de família
12 a mulher, o que mostra aqui através dessas figuras que ela não consegue nem descansar nos
13 seus momentos de lazer.
14 ela pára.hh e fica pensando sobre várias atividades sobre contas pra pagar sobre o
15 supermercado pra fazer cuidar da família cuidar dos filhos

Gabriele focaliza, primeiro, os tipos de mulheres retratados: “A página 11 ela: mostra a figura de *várias* mulheres né↓ em diferentes estilos, em diferentes momentos de lazer” (l. 5 a 8) e, a seguir, remete à opinião de Maitena, com a qual concorda: “a mulher, o que mostra aqui através dessas figuras que ela não consegue nem descansar nos seus momentos de lazer” (l. 12 e 13), através de elementos de qualificação “e isso torna-se bem claro” (l. 9), “[...] ela não consegue nem descansar” (l. 12 e 13). Samantha resume a tirinha também a partir de uma descrição:

Segmento 4 — Samantha

eu entendi que a mulher ela tá a fim do descanso e
tem as crianças a fim de
atrapalhar:
o marido a fim de
questionar:
eh:
ela não
tem o descanso merecido, porque todos sempre estão a fim de
ir contra o que ela tá a fim de fazer.
e isso.

Tais relatos mostram que as mulheres fizeram uma leitura descritiva, não fizeram suas inferências pessoais ao texto. Com Gabriele e Samantha, percebemos uma leitura parafrástica da tirinha, o que revela uma intenção das participantes em emitir suas opiniões concordando com Maitena.

Nas “férias”, quem na verdade as goza não são as feminilidades: donas-de-casa, mas seus filhos e companheiros, que não deixam de cobrar atitudes, deveres e atribuições que a família lhes outorga no dia-a-dia.

Os homens fazem uma leitura interpretativa e reflexiva. A partir do objeto lido, revelam sua visão de mundo e avaliam as condutas dos sexos. As mulheres

percebem que a crítica “apimentada” de Maitena dirige-se ao mundo feminino. As entrevistadas se alinham à autora nos seus discursos.

4. Considerações finais

Neste trabalho, tive o propósito de mostrar feminilidades que são construídas a partir de diferentes leituras de tirinhas da série “Mulheres Alteradas”.

A proposta teórica e analítica deste estudo, em articulação com a Lingüística Feminista, as teorias sobre gênero/ sexo e a Literatura Mulherzinha (*Chick Lit*), procurou tratar de categorias importantes para se entender as relações entre o leitor, ora eu como analista ora os sujeitos selecionados para essa pesquisa, no processo da leitura dessas tiras.

Os quadrinhos de humor de Maitena abordam alguns pontos críticos das interações envolvendo homens/ mulheres. A autora, evidentemente, fala em defesa das mulheres, independente das feminilidades reveladas.

Referências

ALCOTT, L. M. *Little women*. England: Penguin Books, 1994.

CAMERON, D. Rethinking language and gender studies: some issues for the 1990s'. In: MILLS, S. (Ed.). *Language and gender: interdisciplinary perspectives*. London: Longman, 1995. p. 31-44.

_____. *The feminist critique of language: a reader*. 2nd ed. rev. Great Britain: Routledge, 1999.

CRISPIN, J. Defining the genres. *Vision: A Resource for Writers*, Featuring an Interview with Selina Rosen, p. 47-51, Jan./ Feb. 2004.

GUMPERZ, J. J. [1982]. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolingüística interacional*. Tradução de José Luiz Meurer e Viviane Heberle. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 149-182.

KRESS, G. Speech and speakers: the formation of individuals in discourse and genre. In: _____. *Linguistic processes in sociocultural practice*. Oxford: Oxford University Press, 1989. cap. 2. p. 33-51.

LAKOFF, R. T. Logic of politeness or minding your P's and Q's. In: REGIONAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTICS SOCIETY, 9. *Papers...* Chicago: Chicago Linguistic Society, 1973. p. 292-305.

MAITENA. *Mulheres alteradas*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. v. 1.

MCLLVENNY, P. *Talking gender and sexuality*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2002.

SCHIFFRIN, D. The management of a co-operative self during argument: the role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D. *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 241-259.

SHI-XU. Opinion discourse: investigating the paradoxical nature of the text and talk of opinions. In: *Research on language and social interaction*. Great Britain: Routledge, 2000. v. 33. p. 263-289.

TANNEN, D. *Gender and discourse*. New York: Oxford University Press, 1994.

TANNEN, D.; KENDALL, S. Discourse and gender. In: TANNEN, D.; SCHIFFRIN, D.; HAMILTON, H. E. *The handbook of discourse analysis*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001. p. 548-567.

VIVAS, M. A. *Literatura mulherzinha: a construção de feminilidades nas tirinhas da série Mulheres Alteradas de Maitena*. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Nota

¹ As tiras selecionadas foram as das páginas 11, cujo título é: “O melhor das férias é descansar”, e 39, intitulada: “Aqueles coisas que só nós podemos dizer (porque se ‘Eles’ dizem armamos um escândalo)”.